

## A ENERGIA DA RAZÃO

### COMO TRANSITAR DO RISCO DE COLAPSO PARA UMA ERA DE SUSTENTABILIDADE GLOBAL?

«Olhar demasiado longe é um erro. Só é possível enfrentar, um a um, os elos da cadeia do destino (*It is a mistake to look too far ahead. Only one link in the chain of destiny can be handled at a time*)»

Winston Churchill

Se atentarmos ao modo hoje como se antecipa o futuro, mesmo no horizonte de escassos trinta ou quarenta anos, facilmente verificamos que são sombrias as cores dos cenários e projecções. As esperanças dos anos oitenta e noventa, num modelo social e económico de desenvolvimento sustentável parece terem dado lugar à expectativa de um colapso global, associada à incapacidade de enfrentar as diferentes vertentes da crise global do ambiente, e em particular as alterações climáticas.

A literatura sobre colapso tem-se desenvolvido, sobretudo, na análise do beco, aparentemente sem saída, da nossa incapacidade de encontrarmos saídas atempadas à crise crescente dos mercados de combustíveis fósseis.<sup>1</sup> Por outro lado, mesmo se fosse possível uma miraculosa ultrapassagem da nossa dependência face a uma economia viciada em carbono, a verdade é que existe um passivo ambiental que se traduz no processo em crescendo das alterações climáticas, com consequências que se poderão considerar verdadeiramente "ontológicas", afectando as próprias estruturas biofísicas que sustentam a vida no seu conjunto e a civilização humana em particular<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Algumas das obras que têm acentuado a gravidade da crise ambiental e social global são: Lester R. Brown, *Plan B. Rescuing a Planet under Stress and a Civilization in Trouble*, New York/London, W.W. Norton & Company, 2003; Richard Heinberg, *The Party's Over: Oil, War and the Fate of Industrial Societies*, Gabriola Island, British Columbia: New Society Publishers, 2003; Jared Diamond, *Collapse: How Societies Choose to Fail or Succeed*, New York, Viking Penguin, 2004; Richard Heinberg, *Powerdown. Options and Actions for a Post-Carbon World*, Forest Row, Clairview, 2004; James Howard Kunstler, *The Long Emergency – Surviving the Converging Catastrophes of the Twenty-First Century*, New York, Grove/Atlantic, Inc., 2005; James Lovelock, *The Revenge of Gaia. Why the Earth is Fighting Back – and How We Can Still Save Humanity*, London, Penguin Books, 2007.

<sup>2</sup> A gravidade do processo de alterações climáticas foi evidenciada pelo Quarto Relatório do Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas (IPCC, 4th Assessment Report, 2007). Mas, já antes disso, o anterior Vice-Presidente dos EUA, Al Gore, havia chamado a atenção do auditório universal para "a emergência planetária do aquecimento global" (*the planetary emergency of global warming*), Al Gore, *An Inconvenient Truth*, 2006. Na mesma linha, o economista Sir Nicholas Stern tinha designado as alterações climáticas como a maior falha de mercado que o mundo alguma vez conheceu: "Climate change is the greatest market failure the world has ever seen, and interacts with other market imperfections", *Stern Review*, 2006.

Viriato Soromenho-Marques, "A Energia da Razão. Como transitar do risco d colapso para uma era de sustentabilidade global?", *A Energia da Razão. Por uma Sociedade com menos CO2*, Fernando Ramoa Ribeiro (coord.), Lisboa, Gradiva, 2009, pp.pp. 45-57. [Type text] [Type text]

A carestia da energia e dos alimentos recordaram-no, com dureza, que o futuro encerra em si um enigma que nenhuma organização ou indivíduo se encontra em condições de pretender desvendar. As cartas de navegação da história e do tempo social, que fizeram os nossos antepassados vibrar de esperança e entusiasmo na entrada para o século XX, estão hoje rasgadas e cobertas de descrédito. Doravante o método consiste em navegar à vista, com prudência estratégica, reunindo o maior cabedal de conhecimentos possível, mas sem deixar que as velas enfundadas pela arrogância atirem a nossa embarcação para um naufrágio inevitável.

Ao contrário da geração que inaugurou o século XX, a nossa, que moldará o século XXI, habita no desconforto de uma crise dos valores fundamentais que determinaram a modernidade, e que forjaram a nossa visão do mundo. Para a nossa geração, a ciência e a técnica já não são substitutos laicos da Revelação, o Estado já não é o núcleo fundamental da aposta na emancipação, a história não conduz inevitavelmente ao progresso e à felicidade, e o mercado não é a panaceia para todos os males. As catástrofes ambientais, a desgraça dos totalitarismos, duas guerras mundiais, e o crescimento da miséria em paralelo com uma inaudita concentração de riqueza, ensinaram-nos lições amargas que não podemos, nem devemos, esquecer.

A única certeza que possuímos, hoje -- face ao emergir de novas e antigas ameaças que lançam sobre a alvorada do terceiro milénio a sombra de um colapso sem paralelo na história universal --é a de que os modos de vida e os valores, as hierarquias e os sistemas de organização do poder, do trabalho, das interacções entre sexos, povos, culturas, e toda a relação da humanidade consigo própria, e com o planeta Terra, todas essas características são dimensões policromáticas de uma mesma e grande crise, cujas facetas principais procuraremos enunciar nas linhas que se seguem.

Nesta breve meditação identificaremos as principais facetas da presente crise do nosso modelo de civilização, terminando na dimensão crítica que pode desempenhar um *papel motor* na superação das ameaças de declínio e colapso: a necessidade de uma *nova política energética global*, capaz de garantir a segurança do abastecimento e uma rápida inovação tecnológica, no quadro do respeito pelo ambiente. Trata-se, no fundo, de assegurar uma transição pacífica para uma Era de Sustentabilidade, liberta da dependência tanto de combustíveis fósseis como das suas alternativas mais perigosas (caso da energia nuclear). Nessa nova política energética, a produção de electricidade a partir de fontes renováveis desempenhará um papel decisivo.

### **1- Vencer a “Anarquia Madura”: Um Novo Sistema Internacional<sup>3</sup>.**

Depois de três séculos de *equilíbrio do poder* entre várias potências europeias com ambições imperiais, e de quarenta anos de guerra-fria, baseada

---

<sup>3</sup> A expressão “Anarquia madura” foi introduzida pelo Professor Adriano Moreira para caracterizar a presente entropia do sistema internacional.

Viriato Soromenho-Marques, "A Energia da Razão. Como transitar do risco d colapso para uma era de sustentabilidade global?", *A Energia da Razão. Por uma Sociedade com menos CO2*, Fernando Ramoa Ribeiro (coord.), Lisboa, Gradiva, 2009, pp.pp. 45-57. [Type text] [Type text]

num *sistema bipolar*, a comunidade mundial entrou num período de transição caracterizado pela temporária, como agora é visível para todos, hegemonia unipolar norte-americana.

Nessa medida, uma das questões cruciais do futuro prende-se com as modalidades de evolução do sistema de governação mundial. Num mundo com problemas a uma escala cada vez mais global, desde a crise ambiental ao comércio, dos fluxos financeiros aos terrorismos, das tecnologias da comunicação aos novos problemas de segurança, importa vislumbrar se a humanidade será capaz de encontrar soluções e respostas também a uma escala global.

Algumas das principais interrogações e tendências podem ser enunciadas da seguinte forma:

- Como irão evoluir as estruturas intergovernamentais e supranacionais, sobretudo no âmbito do sistema das Nações Unidas?
- Como irá responder o Estado-nação à perda crescente do seu horizonte de soberania?
- Como se irão comportar os novos sujeitos da política e do direito internacional, nomeadamente, as ONG (Organizações não Governamentais), que congregam interesses e sectores a uma dimensão mundial?
- Será que a lógica federal e contratual, que aponta para o primado da cooperação pacífica, se sobreporá à tendência competitiva, que resvala levemente para a imposição bélica na resolução conflitos?
- Será possível vislumbrar uma coexistência pacífica e duradoura entre grandes blocos regionais atravessando continentes e oceanos, tendo em vista a emergência de novas grandes potências almejando participar num Novo Directório, como é o caso da China, da Índia, ou do Brasil?
- Seremos capazes de limitar a tendência para a proliferação nuclear precavendo-nos contra o uso de armas atómicas, mesmo em guerras travadas apenas numa base regional?

Como procurei demonstrar numa obra recente, as questões energéticas e climáticas, relacionadas com a necessidade de um novo regime climático internacional, que entre em vigor após o termo do período de cumprimento do Protocolo de Quioto, que expira em 2012, será uma chave essencial para a viabilidade de um novo equilíbrio dinâmico no sistema internacional<sup>4</sup>.

## **2- Pão para Todas as Bocas: Contra o Regresso de Malthus**

A abrupta subida do preço dos cereais e de outros alimentos básicos nos anos de 2007 e 2008 mostrou que mesmo os cenários conservadores para

---

<sup>4</sup> Viriato Soromenho-Marques, *O Regresso da América. Que Futuro depois do Império?*, Lisboa, Esfera do Caos, 2008, pp. 129-151.

Viriato Soromenho-Marques, "A Energia da Razão. Como transitar do risco de colapso para uma era de sustentabilidade global?", *A Energia da Razão. Por uma Sociedade com menos CO2*, Fernando Ramoa Ribeiro (coord.), Lisboa, Gradiva, 2009, pp.pp. 45-57. [Type text] [Type text]

meados do século XXI, a serem válidos, representariam o advento de uma incontornável catástrofe demográfica, uma autêntica rota de colisão entre a civilização técnica e a biosfera: a humanidade roçando os 9 a 10 mil milhões; a disponibilidade alimentar em diminuição acelerada; a destruição de parte significativa da diversidade biológica (mais de um milhão de espécies da fauna e flora extintas, e o fim das florestas tropicais); novas doenças sem resposta médica; o agravamento radical das alterações climáticas com a duplicação das concentrações de dióxido de carbono; o aumento da desordem e da ingovernabilidade social e política, etc.

A questão da relação entre as bocas e o pão disponível é, apenas, a face mais imediata e mais inadiável da luta por um futuro sustentável. Nessa medida, algumas linhas de força estratégica se desenham, desde já, se queremos evitar situações de ruptura e colapso:

- A necessidade de uma política demográfica mais racional e adequada ao carácter limitado dos recursos alimentares.
- Protecção e promoção da biodiversidade, como base natural da inovação biotecnológica de que depende tanto a indústria alimentar como a farmacêutica.
- Extrema vigilância quanto aos impactes ambientais indesejáveis que venham a ocorrer no âmbito das pesquisas e aplicações associadas a organismos geneticamente modificados (OGM).
- Necessidade de submeter as inovações no campo da biotecnologia a um rigoroso e transparente escrutínio ético e deontológico, coma formalização de códigos de conduta vinculativos e de alcance universal.
- Revisão das políticas fiscais e de subsídios, no sentido de estimular a iniciativa privada no domínio das práticas agrícolas ambientalmente mais correctas.
- Promoção da mudança, ou conservação, de hábitos culturais e estilos de vida ambientalmente positivos, tanto na alimentação como nas técnicas produtivas.
- Percepção da ameaça global para a paz internacional que uma crise alimentar pode significar.

### **3- Reformar o Mercado colocando-o ao serviço da Sustentabilidade Global**

Num recente estudo do Ministério Britânico da Defesa, a desregulamentação da globalização era apresentada como um dos três perigos globais para a próxima trintena de anos, ao lado das alterações climáticas e da pobreza global. A crise que abala neste final de 2008 o sistema financeiro americano (com repercussões mundiais) mostra a justiça dessa antecipação de perigos com dimensão geoestratégica estrutural.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> *The Development Concepts and Doctrine Centre Global Strategic Trends Programme 2007-2036* (UK Ministry of Defence, January 2007). Texto completo acessível por via electrónica.

Viriato Soromenho-Marques, "A Energia da Razão. Como transitar do risco d colapso para uma era de sustentabilidade global?", *A Energia da Razão. Por uma Sociedade com menos CO2*, Fernando Ramoa Ribeiro (coord.), Lisboa, Gradiva, 2009, pp.pp. 45-57. [Type text] [Type text]

No que concerne às questões da economia, e em particular do trabalho, a globalização traduz-se para as nações desenvolvidas do Ocidente por dois desafios particularmente agudos, que poderemos designar, respectivamente, como: «o retorno da teoria clássica do valor», e a «recomposição da sociedade civil».

As velhas teorias do valor, desde Adam Smith a Marx, continuam a ajudar a compreender os fenómenos da deslocalização empresarial, bem como a célere circulação do capital financeiro especulativo. É porque o mundo funciona hoje como uma só oficina, um só laboratório, um só mercado, que as conquistas do Estado social de modelo europeu, resultado de uma estranha combinação entre poderio militar e colonial com a organização reivindicativa do movimento operário, se encontram em profundo desequilíbrio e com enorme dificuldade em produzir respostas adequadas.

O impacte da concorrência global, que coloca no mesmo mercado economias com diferentes sistemas de trabalho e segurança social, com códigos de conduta perante os direitos humanos e o ambiente completamente diversos, é muito maior do que aquilo que a linguagem afectada da tecnocracia é capaz de traduzir. Quando se fala na necessidade de aceitar elevados índices de desemprego estrutural (que podem chegar a 10-12%), no imperativo de reformar os sistemas europeus de segurança social, na urgência de aliviar as obrigações contributivas não salariais dos empregadores, na inevitabilidade de se flexibilizar as leis laborais de modo a facilitar os despedimentos, o que está a ser dito ultrapassa o domínio conjuntural da gestão dos negócios políticos quotidianos. Com efeito, o que isso traduz é a própria mudança da nossa concepção de sociedade civil, uma das traves mestras da própria cultura política democrática do Ocidente.

Esses impactes negativos traduzem-se pelo desenraizamento urbano de populações migrantes e emigrantes, por conflitos de um multiculturalismo mal dimensionado, pela ascensão da toxicodependência e da insegurança, pela apatia e amorfismo da cidadania, pela crise das diversas modalidades de associativismo -- a semente vital de qualquer sociedade civil -- substituído pela apologia de um hedonismo egoísta e cínico, sem qualquer referência a valores cívicos superiores.

O principal dilema da globalização passa, assim, pela (in)capacidade de realizarmos três tarefas essenciais:

- Pela urgência da internalização dos custos ambientais da actividade económica, para permitir que o preço das mercadorias -- da agricultura, à indústria e serviços -- traduza os impactes ambientais efectivos da sua produção, levando o mercado a premiar as condutas ambientais mais adequadas
- Pela capacidade de conjugarmos harmoniosamente o facto de sermos habitantes de uma civilização global, com o direito à manutenção das nossas raízes e identidades culturais.

- Pela necessidade de encontrarmos um novo equilíbrio entre a esfera do político e do económico. Com efeito, só poderemos falar em cidadania efectiva quando existir escrutínio democrático sobre os grandes focos multinacionais de poder financeiro e económico, sob o risco de ser o tecido delicado e vital da sociedade civil a ser posto em causa.

A emergência de uma enorme crise financeira, acentuada no final de 2008, gerada por mais de duas décadas de desregulamentação das grandes companhias seguradoras e bancárias, entregues a uma pulsão irresponsável de lucro a todo o custo chama a atenção para a necessidade de disciplinar os mercados. Sem boas políticas públicas, as economias mergulharão, primeiro na injustiça da socialização dos prejuízos (depois da privatização dos lucros nas mãos de uma escassa e imoral minoria), de seguida, numa entropia generalizada.

#### **4- Crise do Ambiente: Entre o Perigo e a Oportunidade**

Em Maio de 2008 a concentração de dióxido de carbono na atmosfera atingiu 387 ppmv (partes por milhão de volume). Uma impressionante variação em relação aos 275 ppmv CO<sub>2</sub> do período pré-industrial. Se consideramos também o impacto combinado dos outros gases com efeito de estufa contemplados no Protocolo de Quioto, então teremos já atingido os 430 ppmv CO<sub>2</sub> equivalente, estando assim a poucos anos de atingir o valor de viragem de 450 ppmv CO<sub>2</sub>, que a maioria da comunidade científica considera marcar o limiar a partir do qual as alterações climáticas ao longo do actual século poderão provocar consequências de gravidade fora de controlo, ultrapassando um aumento médio global da temperatura de 2.º C e desencadeando um conjunto de fenómenos de retroacção positiva, que poderão conduzir ao desaparecimento do gelo flutuante do Ártico à transformação da floresta da Amazónia numa vasta savana, ao degelo dos glaciares dos Himalaias, à destabilização do *permafrost* (solo permanentemente gelado) da Sibéria, entre outros fenómenos conhecidos por "tipping points" (pontos de viragem).

As alterações climáticas são hoje o rosto principal (mas não exclusivo) da crise global do ambiente. São a síntese das tarefas que a humanidade tem de enfrentar em conjunto. O combate à herança terrível da crise ambiental, que tem vindo a acumular-se ao longo dos últimos duzentos e cinquenta anos a uma escala inaudita, nas suas múltiplas formas, vai acompanhar a humanidade talvez bem para além do século XXI.

As tarefas são imensas:

- Concluir com sucesso a transição em direcção a um novo paradigma de ciência e tecnologia, que seja capaz de estabelecer uma relação de simbiose, em vez da actual rota de colisão com os sistemas naturais.

- Caminhar gradual, mas decididamente, para uma resposta planetária aos grandes desafios globais do ambiente: da depleção da camada de ozono, assegurando as vitórias já alcançadas; das alterações climáticas, assegurando um novo e mais ambicioso regime de protecção climática depois do termo do Protocolo de Quioto, em 2012; da perda da diversidade biológica; da degradação da atmosfera; da diminuição crítica de recursos hídricos vitais; da degradação dos solos aráveis.
- Assegurar um combate mundial combinado aos milhões de 'pontos negros' dos diversos tipos de poluição acumulada ao longo dos dois últimos séculos, bem como a todos os traços da contaminação química, inclusive nos códigos mais íntimos do próprio corpo humano. Uma especial atenção deverá ser concedida aos cemitérios nucleares e às centrais nucleares. O fim da perigosa ilusão de um 'nuclear pacífico' deverá, aliás, ocorrer já nas próximas décadas
- Cumprir a esperança contida na Convenção das Nações Unidas sobre Direito do Mar, transformando os Oceanos num bem comum da humanidade, a ser gerido e protegido em conjunto.
- Evitar a concretização da péssima profecia de alguns analistas da 'segurança ambiental', que vislumbram na escassez de recursos naturais, a raiz das guerras do futuro.
- Construir um sistema de governação ambiental mundial, baseado no aprofundamento das conquistas da diplomacia ambiental das últimas quatro décadas, e na reestruturação, em função das metas ambientais, da Organização das Nações Unidas. Um passo positivo nesse sentido terá de passar, certamente, pela criação de uma Organização Mundial do Ambiente, e por um forte entendimento entre os Estados Unidos e a União Europeia perante as grandes questões ambientais globais, contrariando a tendência para o afrontamento mútuo, que tem sido a tônica dos últimos anos.

## 5- A Inovação Energética como Chave da Mudança

Entre 2001 e 2030 os países europeus da OCDE vão investir dois biliões de dólares em novas centrais eléctricas (o equivalente a nove vezes o PIB português de 2007)<sup>6</sup>. Se olharmos para o conjunto planetário, e para o mesmo período, então esse investimento atingirá a soma astronómica de 16 biliões de dólares (o equivalente a setenta vezes o PIB nacional de 2007). Isto deve-se à crescente obsolescência do parque energético global. Só na União Europeia, em 2005, mais de 50% das centrais eléctricas a carvão e a fuel tinham ultrapassado 25 anos de actividade. O mesmo se passa no sector nuclear (embora aqui estejamos longe de poder aceitar os perigos do nuclear como alternativa para os perigos das emissões de gases com efeito de estufa). Trata-

---

<sup>6</sup> Talvez valha a pena recordar que, de acordo com a Portaria dos Grande Números (Portaria 17 052, de 4 de Março de 1959) um bilião, em língua portuguesa, equivale a dez elevado à décima segunda potência (1 000 000 000 000). O «billion» inglês deve ser traduzido por mil milhões, e não, como ocorre errada e abundantemente, por "bilião". Trata-se, neste caso, de dez elevado à nona potência (1 000 000 000).

Viriato Soromenho-Marques, “A Energia da Razão. Como transitar do risco d colapso para uma era de sustentabilidade global?”, *A Energia da Razão. Por uma Sociedade com menos CO2*, Fernando Ramoa Ribeiro (coord.), Lisboa, Gradiva, 2009, pp.pp. 45-57. [Type text] [Type text]

se, por isso, de uma grande oportunidade para fazer enormes investimentos públicos e privados que vão influenciar todo o século XXI, com consequências irreversíveis tanto no plano ambiental como no económico.

A prioridade é de natureza política. Precisamos de novas políticas públicas de energia em todas as escalas (regional, nacional, europeia e global). Carecemos de políticas que ofereçam um horizonte regulador estável para os investimentos públicos e privados, permitindo, ao mesmo tempo, acelerar o ritmo da inovação tecnológica no sector energético. Com efeito, a situação tecnológica na área da energia corresponde bem àquilo que Thomas Homer-Dixon designa como o síndrome da nossa época, o «défice de engenho» (*the ingenuity gap*)<sup>7</sup>. Décadas sucessivas de combustíveis fósseis baratos liquidaram o apetite por uma verdadeira aposta na inovação, alicerçada numa ambiciosa estratégia de investigação e desenvolvimento.

No período actual, a União Europeia aparece como a região planetária com a visão mais ambiciosa, apontando na direcção correcta, embora ainda a necessitar de aprofundamento. As prioridades são as seguintes:

- Pesquisar novas fontes, duradouras e não poluentes de energia, que sejam a base de novas modalidades de produção e transporte ambientalmente adequadas.
- Envolver os cidadãos e as empresas numa mudança efectiva de padrões de produção, consumo e transporte que permita aumentos substanciais da eficiência, conservação e poupança energéticas.
- Dar prioridade às tecnologias energéticas com menor impacte ambiental, permitindo a expansão no mercado energético das energias eólica, solar, geotérmica, das ondas, e, desde que se respeitem requisitos ambientais rigorosos, a energia da biomassa (garantindo que o seu uso que não colida com a conservação da biodiversidade e a produção alimentar).
- Redimensionar o mercado, separando os produtores e os distribuidores da energia, de modo a impedir monopólios que conduzem à manipulação de preços e à estagnação da criatividade tecnológica, sempre associada à ausência de efectiva concorrência.
- Apostar na articulação entre a procura da independência energética e a redução do contributo da União Europeia para o aquecimento global, através de uma economia cada vez mais liberta de combustíveis fósseis (ou pelo menos, de combustíveis que emitam gases com efeito de estufa, tal como é visado pela pesquisa da tecnologia do chamado “carvão limpo”).

---

<sup>7</sup> “Nós estamos, de facto, a disputar uma corrida entre o mais tenaz pensamento imaginativo – ou aquilo que eu chamo engenho – e as crescentemente expansivas complicações do nosso mundo. E em demasiado sítios e assuntos críticos nós estamos a perder a corrida.”, Thomas Homer-Dixon, “Ingenuity Theory: Can Humankind Create a Sustainable Civilization?”, 2003 (acessível no site do autor).



Viriato Soromenho-Marques, "A Energia da Razão. Como transitar do risco d colapso para uma era de sustentabilidade global?", *A Energia da Razão. Por uma Sociedade com menos CO2*, Fernando Ramoa Ribeiro (coord.), Lisboa, Gradiva, 2009, pp.pp. 45-57. [Type text] [Type text]

- Levar para as negociações internacionais de um novo acordo que continue e aprofunde o Protocolo de Quioto, um apoio unânime dos Estados-Membros da União ao novo pacote de "partilha de responsabilidades" avançado pela Comissão Europeia, válido até 2020, que garantirá à Europa uma liderança do dossier mundial das alterações climáticas pela força do exemplo.
- Propor o desenvolvimento de novas tecnologias de produção, e uso eficiente da energia, através de projectos de investigação e desenvolvimento com verdadeira dimensão europeia, que possam suscitar redes de cooperação cada vez mais amplas, com parceiros nos EUA, na Índia, China, Brasil e outros países.

Para tudo isso é necessário uma mudança nos valores éticos e políticos. Precisamos de novas ideias e mitos mobilizadores. De uma esperança militante e armada, com tradução directa na concepção e na prática tanto dos indivíduos, como das pequenas e grandes organizações políticas e económicas. Precisamos de uma convergência entre políticas públicas e gestos individuais, iluminados por novos consensos éticos, que se traduzam em mudanças significativas nos padrões de produção e consumo, sobretudo nos países mais desenvolvidos.

Só com isso poderemos inaugurar a longa e difícil transição para uma nova fase na história da civilização, que não será caracterizada, seguramente, por uma paz milenarista e utópica, mas pelo lançamento dos alicerces, por entre inevitáveis lutas e conflitos, de uma Era da Sustentabilidade.

Viriato Soromenho-Marques